

A EXPERIÊNCIA DA PEDAGOGIA DA VIAGEM NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY

Luana Pavan Detoni

Universidade Federal de Pelotas

E-mail: luanadetoni@gmail.com

Lorena Maia Resende

E-mail: lorenamiltao@gmail.com

Rafaela Barros de Pinho

E-mail: rafaelaapinho@gmail.com

Eduardo Rocha

E-mail: amigodudu@yahoo.com.br

Resumo

No dia quatorze de março de dois mil e dezesseis, vinte e dois pesquisadores de diversas áreas do conhecimento percorreram, durante seis dias, a Fronteira Brasil-Uruguay como estrangeiros e errantes, em uma (i)lógica contínua. A partir da pedagogia da viagem, uma espécie de coexistência entre o pensar e o escrever, foi possível experimentar, descobrir e viver essa Fronteira, como um território do entre, da fresta, inventando novas relações, a fim de emergir relações ditas menores, desterritorializantes, e provocar novos encontros e acontecimentos. O processo da viagem perpassa três grandes etapas: a expectativa – que se refere aos antecedentes e preparativos da viagem; a experiência – etapa do acontecimento da viagem; e por fim o retorno – a reflexão que demarca novos inícios. Cada viajante possuía sua (i)metodologia de pesquisa para experimentar temas diversos, múltiplos e atravessados. A experiência passa, acontece e toca. Esse movimento pelas fronteiras deixou marcas nos territórios e nos viajantes-nômades-pesquisadores.

Palavras-chave: Fronteira; Pedagogia da viagem; Experiência.

Abstract

On the fourteenth day of March two thousand and sixteen, twenty-two researchers from various fields of knowledge, for six days, crossed the Brazil-Uruguay border as strangers and wanderers,

in one continuous (i)logic. From the pedagogy of travel, a kind of coexistence between thinking and writing, it was possible to experience, discover and live this border, as a territory between, the gap, inventing new relations, in order to emerge such relations smaller, deterritorializing, and provoking new encounters and events. The process of travel involves three major steps: the expectation – a step that refers to the antecedents and preparations of travel; the experience – stage of the event of the journey; and finally return – a stage of reflection that marks new beginnings. Each traveler had his (i)research methodology, to experience different, multiple and crossed themes. The experience passes, happens and touches. This movement by the borders left marks in the territories and the travelers-nomads-researchers.

Keywords: Border; Pedagogy of travel; Experience.

INTRODUÇÃO: A VIAGEM

A partir dos estudos do grupo de pesquisa CNPq Cidade+Contemporaneidade, sobre as teorias do urbanismo contemporâneo e da filosofia da diferença, junto ao Laboratório de Urbanismo, do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas, este ensaio apresenta a experiência do conceito de fronteira no próprio território da fronteira. Essa experiência aconteceu segundo o procedimento da pedagogia da viagem, e atualmente reverbera em outros territórios, fomentando distintas pesquisas. A viagem, por toda linha fronteira Brasil-Uruguay, iniciou-se na madrugada do dia 14 de março de 2016, saindo da cidade de Pelotas (cidade de origem do grupo). A equipe de vinte e dois viajantes-nômades-pesquisadores – estudantes, professores e profissionais – de diversas áreas do conhecimento – arquitetura, urbanismo, artes visuais, engenharia, nutrição, geologia, sociologia, letras, música e história – percorreu as seis cidades-gêmeas durante seis dias contínuos, como estrangeiros e errantes, retornando à cidade de origem na noite de 19 de março.

Em síntese, o grupo Cidade+Contemporaneidade procura articular-se em torno da abordagem multidisciplinar de questões teóricas e empíricas relacionadas à sociedade contemporânea, em especial na relação entre a arquitetura e a cidade, habitando para isso as fronteiras do conhecimento da filosofia, das artes e da educação, a fim de criar ações projetuais, *afectos* e *perceptos*¹ para uma ética e estética urbana atual. O objetivo inicial do grupo era de certificar, ou não, o discurso hegemônico incorporado a esta Fronteira – como as adjetivações referentes à Fronteira Brasil-Uruguay considerada a fronteira mais aberta, densa e homoganeamente povoada, apontadas por Adriano Silva Pucci (2010) no “Estatuto da Fronteira” – e sintetizado no desenho de uma simples linha estática.

1 Os perceptos e afectos são sensações, são seres, que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Os afectos são os devires não humanos do homem, algo que passa de um ao outro. Enquanto os perceptos são as paisagens não humanas da natureza, são seres de sensação que conservam em si a hora de um dia, o grau de calor de um momento. Ver mais em Boutang, P. A. (Diretor). *O abcdário Gilles Deleuze* [Filme Cinematográfico]. Paris, 2004

A leitura deste ensaio se apresenta como a própria viagem, em que cada título desenvolve as etapas inerentes à trajetória percorrida. A introdução faz uma reflexão teórica sobre alguns conceitos fundamentais que deram consistência a todo processo, como: fronteira, contemporâneo e a filosofia da diferença. Por sua vez, a metodologia se aproxima da expectativa pré-viagem. Os preparativos, as dúvidas sobre um território desconhecido, o desejo pelo inusitado e, principalmente, a construção de processos metodológicos que amparem a coleta dos dados, das sensações, potencializando as subjetividades de modo que seja possível cartografar a Fronteira Brasil-Uruguay. Já os resultados revelam a própria experiência, as travessias sejam físicas ou do pensamento, as percepções que os viajantes acionavam em cada nova cidade, o tempo da caminhada e o tempo da pausa. Por fim, a conclusão é o retorno da viagem. O ato de guardar a mala e reler as anotações de campo, resgatar na memória os fatos presenciados e discutir sobre as vivências contribuindo na constituição desse universo fronteiriço.

Entre *afectos* e *perceptos* o conceito de fronteira nasce do agenciamento entre a filosofia da diferença, a geografia humana, as teorias urbanas e a própria experiência. Neste ensaio, a fronteira é entendida como movimento, construção, zona de abertura, interpenetração e atravessamentos. Ser fronteira é lidar com o dualismo cotidiano, perceber o eu e o outro, o dentro e o fora, a hospitalidade e a hostilidade – duplicidades coexistentes e resistentes. Lugar da potência onde prospera a criação. Um território de fronteira é, por excelência, um território de devir. Devir não é evolução, uma linha cronológica, uma imprevisão de um futuro que pode ser possível. Na verdade, o devir ou o “por vir” está fora de uma linearidade presente, é o inimaginável, o impossível. O devir como uma experiência, seguindo a “lógica espectral” referida por Jacques Derrida (1994), uma experiência que não é nem inteligível nem sensível, nem visível nem invisível, mas contribui na compreensão de algumas estruturas e rupturas da relação entre arquitetura e cidade.

A experiência da fronteira na contemporaneidade, evidenciada por Giorgio Agamben (2009), como uma relação singular com o próprio tempo, que se adere a ele e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias, acontece pautada pelos conceitos de intempestivo, obscuro e arcaico. O tempo da contemporaneidade impulsiona a ordem do caos na delimitação dos territórios estáveis e definidos, evidenciando o sentido de fronteira como força de expansão, do desejo dos povos pela comunicação, ultrapassando os limites rígidos impostos pelo poder soberano, ou como metaforiza Silvia Gomes (2010), o limite pode ser entendido como “borda” e a fronteira como aquilo que “transborda”.

Os filósofos da Diferença, como Deleuze, Guattari, Derrida e Foucault, entre outros, fazem parte de uma linha filosófica que tem como expoentes Espinosa, Bergson e Nietzsche. A filosofia da diferença está vinculada ao movimento pós-estruturalista e apresenta um interesse pela diversidade, pluralidade e singularidade, em oposição a uma ideia universal e total que contém partes singulares (PETERS, 2000). Ao incorporar os movimentos da diferença, esse ensaio provoca vazamentos nas estruturas do conhecimento, sendo os procedimentos da pedagogia da

viagem uma fuga das metodologias prescritas, ao mesmo tempo que uma apropriação de muitas metodologias, a fim de realizar um estudo na potência da singularidade.

METODOLOGIA: A EXPECTATIVA

Os preparativos da viagem se iniciaram com a elaboração do projeto de pesquisa “O Para-formal na Fronteira Brasil - Uruguay: controvérsias e mediações” do grupo de pesquisa Cidade+Contemporaneidade, juntamente com o Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação do Centro de Artes da UFPel. O projeto foi realizado a partir da aprovação no edital CNPq Universal no ano de 2015 e se estendeu até o início de 2017. A pesquisa buscou dar voz e visibilidade às “para-formalidades” nas seis cidades gêmeas da Fronteira-sul que fazem a divisa/união entre Brasil e Uruguay: Santana do Livramento-Rivera, Quaraí-Artigas, Jaguarão-Rio Branco, Barra do Quaraí-Bella Unión, Chuí-Chuy e Aceguá-Aceguá.

O “para-formal” compreendido neste projeto como aquilo que se encontra no cruzamento do formal (formado) e do informal (em formação), é constituído por três pontos essenciais: a cidade em formação, o princípio de acordos, regras e projetos; a cidade em desagregação, os processos de acordos urbanos conflituos, friccionantes ou catastróficos e; as situações urbanas onde existam fortes “indiferenças” estratégicas entre os atores. A intenção da pesquisa era cartografar as “para-formalidades”, encontradas nas cidades da Fronteira Brasil-Uruguay. No entanto, a viagem extrapolou os objetivos da pesquisa inicial e buscou dar conta de outros questionamentos acerca desse território em ebulição. Reflexões que foram surgindo em campo, seja nas caminhadas, nas travessias, nas paradas, nos hotéis, na conversa dos moradores e em tantos outros encontros ou acontecimentos.

Acompanhar os processos requer uma cartografia, um mapa, um desenho movente, assim como a fronteira, uma cartografia que pode se apresentar como imagem, escrita, obra de arte, ação política, entre outras formas. A cartografia enquanto forma de produção de conhecimento anunciada por Deleuze e Guattari em “Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia”, volume 1 (1995), possui vertentes na obra “Micropolítica – Cartografias do desejo” de Guattari e Rolnik (1989); e nos trabalhos do grupo de acadêmicos que têm indicado pistas para o uso da cartografia como método de pesquisa, em “Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade” de Passos, Kastrup e Escóssia (2009); e em “Pistas do Método da Cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum”, volume 2, de Passos, Kastrup e Tedesco (2014).

A cartografia, anunciada por Deleuze, não se apresenta como uma metodologia específica – uma vez que contraria sua filosofia – no entanto, o filósofo sinaliza a cartografia como uma prática do conhecimento. A partir desse pensamento, a proposta do método da cartografia enseja acompanhar os processos, ante as respostas pré-estabelecidas e os resultados definitivos. Segundo

Passos, Kastrup e Tedesco (2014), a cartografia se apresenta como a reversão do sentido original da própria palavra metodologia (*-meta* de metas e *-hódos* de caminho), ou seja, a pesquisa que tradicionalmente é definida por um caminho determinado, nesse caso, é revertida em um método não para ser aplicado, mas sim experienciado.

A pesquisa cartográfica coloca-se entre aquelas que afirmam a importância do interesse da ciência pelo que investiga, aceitando, em contrapartida, o interesse do próprio objeto. A dimensão interativa ou participativa característica da experiência de “inter-esse” é valorizada, o que confere ao trabalho um sentido de cuidado. O pesquisador sai da posição de quem – em um ponto de vista de terceira pessoa – julga a realidade do fenômeno estudado para aquela posição – ou atitude (o ethos da pesquisa) – de quem se interessa e cuida (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014, p. 29).

A primeira fase de preparação da viagem, a expectativa, teve início em junho de 2015 com algumas atividades essenciais. Primeiramente foi realizada uma pesquisa sobre as doze cidades, em busca de informações sobre o perímetro urbano, a população, a densidade, o clima, o IDH, o PIB, as atividades econômicas predominantes, juntamente com o estudo e análise do Estatuto da Fronteira (PUCCI, 2010). Em um segundo momento, em setembro de 2015, foi criado um edital para a seleção de viajantes, possibilitando efetivamente a participação de qualquer pesquisador que tivesse algum estudo/interesse dedicado à fronteira, independente da área de conhecimento. Foram disponibilizadas treze vagas, além das nove vagas destinadas para os alunos e professores envolvidos com o desenvolvimento do projeto, somando um total de vinte e dois viajantes.

O grupo construído conseguiu abarcar diferentes áreas: artes visuais, engenharia, nutrição, geologia, sociologia, turismo, letras, música, história, arquitetura e urbanismo. Dentre graduandos, mestrandos, doutorandos e professores. Sendo importante ressaltar que cada integrante tinha livre escolha sobre o tema a ser pesquisado, não existia uma cobrança e/ou obrigação dos idealizadores. A intenção era a troca de experiências, os relatos da vivência e a coleta de informações. Ainda na fase dos preparativos, logo após a seleção dos viajantes, quatro encontros foram realizados ao longo dos meses que antecederam a viagem. Nesses encontros aconteceram conversas expositivas da proposta da viagem, apresentação dos trabalhos e proposições de pesquisa de cada um dos viajantes, além de relatos e filmes de outros pesquisadores que já haviam viajado e experienciaram alguns dos territórios das cidades da Fronteira em questão. Essa fase foi fundamental para que o grupo se conhecesse e identificasse os diferentes trabalhos a serem realizados.

Cada viajante recebeu um caderno, inspirado nos diários de bordo (Figura 1). Este, era composto pelo cronograma de viagem, um mapa geral do percurso, uma síntese das informações de cada cidade, junto com um mapa especificando a localização do hotel e de restaurantes próximos. A maior parte do caderno era constituída de folhas em branco, não somente para a realização das anotações, mas para impulsionar a prática da cartografia ao longo da viagem.

O intuito do caderno era promover um aparato para coleta de dados, percepções, sensações, descrições que cada integrante poderia obter, constituindo assim uma possibilidade de registro e de produção de diversos mapas.

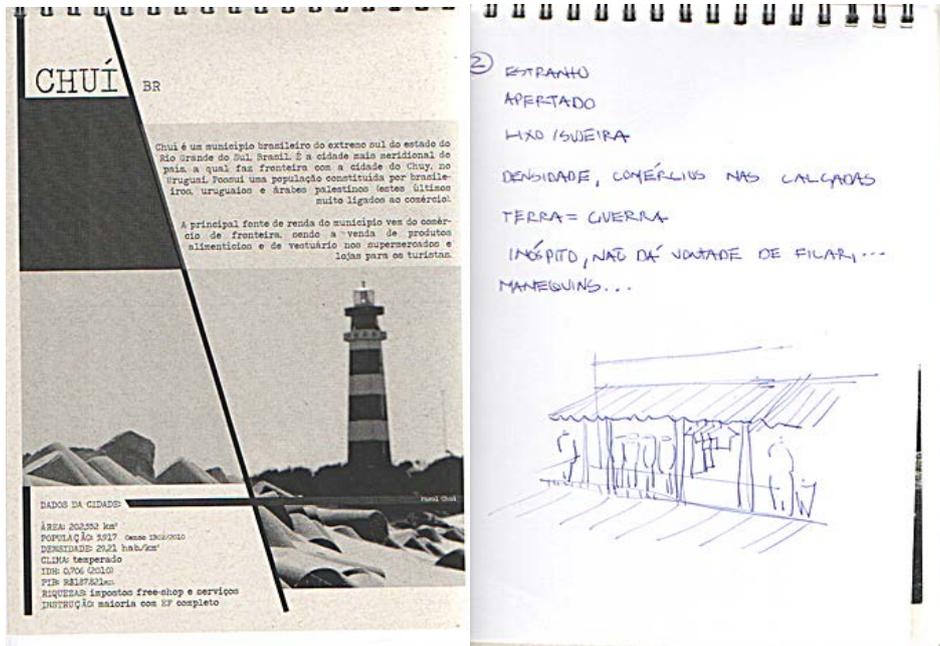


Figura 1 – Caderno de Viagem.
 Fonte: Acervo LabUrb/UFPel, 2016.

A fase dos preparativos ainda contou com a organização do calendário, a coleta da documentação dos passageiros e seus contatos, a reserva e o pagamento da empresa de ônibus e dos hotéis, e a criação de um website: <http://www.paraformalnafronteira.com/> para divulgação e compartilhamento das pesquisas. Malas prontas, o grupo de vinte e dois viajantes-nômade-pesquisadores seguiu para o segundo momento da pedagogia da viagem, a etapa do acontecimento da viagem, a experiência.

RESULTADOS: A EXPERIÊNCIA

O ato de um indivíduo ocupar um espaço está relacionado à ideia de território e de domínio; mas também à busca de lugares que sejam acolhedores. No caso do viajante, existe a necessidade da busca de lugares para reabastecer suas necessidades, vivenciando um novo espaço. “Quem viaja leva o corpo e seus anseios, desloca o sentido das respirações, da alimentação, do clima” (OLIVEIRA, 2013, p.169), chega em um local desconhecido para ele, se *desterritorializa*, sente-se fora do seu habitat. Cabe ao “local” oferecer-lhe um lugar para experienciar, conhecer e trocar conhecimento. O que no princípio parece diferente, se apresenta, ensina e mostra sua história;

gera movimento. Ocorre uma relação de troca, que é o que faz a diferença, ali se estabelecem valores.

A pedagogia da viagem, segundo Eduardo Rocha (2016), acontece pelo universo da descoberta, além da viagem exploratória, existe uma constatação de certos aspectos que estavam ali, por vezes ocultas. A viagem embora trace caminhos preparados e conhecidos – porque de certa forma o viajante prepara e conhece para onde vai – pode apontar novos e diversos caminhos a seguir e também a pensar. Estes caminhos abrem brechas para expandir os próprios caminhos do viajante, que almeja re-orientar criticamente as concepções, para criar uma cartografia, um desenho movente no processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização, esse processo não é constituído de três momentos sucessivos em evolução, mas sim por meio destes “três aspectos em uma só e mesma coisa, o Ritornelo” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 102), no movimento contínuo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

A experiência da pedagogia da viagem, procedimento do método cartográfico, pode ser compreendida em três etapas: a preparação antes da viagem, momento que antecede a viagem, diz respeito à organização das malas, com as intenções e expectativas; o acontecimento da viagem que por meio da experiência impulsiona novos caminhos, mais algumas bagagens são carregadas, ao mesmo tempo em que outras são deixadas pelo percurso; o retorno da viagem, as malas são desfeitas, é preciso organizar e refletir para saber o que guardar, o que dar, o que presentear, o que devolver e o que esquecer dentre as coisas que compunham a bagagem inicial, junto com as coisas da bagagem coletada, produzindo assim as ditas resistências.

A viagem permite ver a vida além do pensamento, do estudado; permite com desterritorializações, provocar novos encontros e acontecimentos, deixa revelar a essência dos lugares, experimentando-os e desnudando-os. A informação transforma-se constantemente, e se mistura com as diversas experiências proporcionadas, reterritorializando os viajantes-nômade-pesquisadores. Na pedagogia da viagem, ocorre uma espécie de coexistência entre o pensar e o escrever. A escrita como uma espécie de declaração do pensamento. Enquanto o pensamento é orgânico, vai e volta, segue o caminho, entra em atalhos e becos, atravessa muros, erra a passagem e flui com a vida, seguindo a lógica do rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Mesmo sendo um local conhecido, a pesquisa *in loco* proporciona novos pensamentos, a cartografia abordada como método de pesquisa-intervenção, re-encaminha e re-orienta as percepções, abrangendo elementos heterogêneos, o que favorece acontecimentos múltiplos.

Encontros com os espaços públicos das cidades, conexões entre subjetividades e intensidades. As arquiteturas, as cidades, as estruturas; mas também os efeitos, os encontros, os acontecimentos, as relações entre os corpos que não possuem identidade plena e imutável. Cada encontro possui efeitos que emergem nas relações estabelecidas e nas conexões que os compõem. Essas conexões se dão entre as intensidades, corporificadas ou não, criando e recriando incessantemente o que é, assim como, o que está por vir.

Para Lúcio Grinover (2003), de modo quase intuitivo o viajante, o turista, o imigrante quando chega em uma cidade e percorre os espaços que constroem esta forma urbana, é submetido a um sem número de percepções, de situações e de processos importantes de informações. Estes lhe são impostos por elementos tangíveis e intangíveis, que o envolvem e o induzem a comportamentos hospitaleiros, ou não, caracterizados num espaço suficientemente definido, e pelas atitudes dos que dos que habitam esse espaço, perante o *status* de “estrangeiro”.

Seria esta uma pedagogia da viagem, uma pedagogia do entre, da fresta nas cidades e nas concepções de qualidades de uma boa arquitetura. Por outro lado, essas experiências no entre, são do que se agita na fresta, “o sentido é apenas um vapor movendo-se no limite das coisas e das palavras” (DELEUZE, 2006, p. 225). Por isso adentrar no mundo da viagem nas frestas da cidade é da ordem da complexidade e das multiplicidades. A pedagogia da viagem por frestas permite experimentá-las, descobri-las e vivê-las inventando novas relações, para fazer emergir quem sabe relações menores, desterritorializantes, provocando novos encontros e acontecimentos, numa relação não dicotômica, mas sim contínua entre a hospitalidade e hostilidade (DERRIDA, 2003).

O percurso da viagem, Figura 2, foi pensado juntamente com os responsáveis da empresa de transporte. Foi decidido priorizar as vias do lado brasileiro, pois estas apresentavam melhores condições de infraestrutura e tráfego. Também foi levado em conta o tempo de viagem entre cada cidade, evitando ficar muitas horas na estrada, o que tornaria a viagem demasiadamente cansativa.



Figura 2 - Trajeto percorrido na Fronteira Brasil-Uruguay.

Fonte: Google Maps, 2016.

O grupo teve um dia para experienciar cada território. Quando a fronteira era rasa, ou seja, dada por uma rua e/ou praça em que não se tem uma delimitação tão clara de onde começa um país e termina o outro – como nas cidades de Chui-Chuy, Santana do Livramento-Rivera e Aceguá-Acegua – os viajantes-nômades-pesquisadores percorreram o território livremente tendo um único horário de partida, geralmente ao entardecer, com destino para as próximas cidades gêmeas. No entanto, quando a fronteira era profunda, separada/unida por ponte, uma vez que o limite sócio-político entre os países é propiciado pela linha geográfica do rio – como nas cidades de Jaguarão-Rio Branco, Barra do Quaraí-Bella Unión e Quaraí-Artigas – os viajantes-nômades-pesquisadores experienciaram o lado brasileiro pela manhã, aonde aconteceram as hospedagens devido às melhores condições para reserva, e o lado uruguaio pelo turno da tarde.

No primeiro dia da viagem, foi vivenciada a Fronteira do Chuí e Chuy (Figura 3), o grupo chegou no início da manhã e se despediu pela tardinha, quando viajou até ao próximo destino: a Fronteira entre Jaguarão e Rio Branco (Figura 4). No segundo dia, os pesquisadores acordaram em Jaguarão, vivenciaram essa cidade pelo turno da manhã e se deslocaram à Rio Branco atravessando a ponte Mauá até o centro da cidade no turno da tarde, novamente, à tardinha o grupo seguiu viagem. No terceiro dia, foi a vez de experienciar o território de Santana do Livramento e de Rivera (Figura 5), a Fronteira com maior densidade populacional, vista como a mais viva e intensa. No quarto dia, foram experienciadas as cidades de Quaraí e Artigas (Figura 6), seguindo a lógica das fronteiras profundas, pela manhã foi percorrido o território brasileiro e à tarde o território uruguaio. Também desse modo, no quinto dia, apesar da chuva, o grupo experienciou as cidades de Barra do Quaraí e Bella Unión (Figura 7). No sentido de retorno à Pelotas, cidade de origem do grupo, estava prevista a última parada na Fronteira das cidades de Aceguá-Aceguá (Figura 8), esta foi a viagem mais longa. Então, encerrando o percurso, o grupo retornou na madrugada do sexto e último dia.



Figura 3 - Linha de Fronteira entre as cidades de Chuí/BR e Chuy/UY.

Fonte: Acervo LabUrb/UFPel, 2016.



Figura 4 - Linha de Fronteira entre as cidades de Jaguarão/BR a Rio Branco/UY.

Fonte: Acervo LabUrb/UFPeL, 2016.



Figura 5 - Linha de Fronteira entre as cidades de Santana do Livramento/BR e Rivera/UY.

Fonte: Acervo LabUrb/UFPeL, 2016.



Figura 6 - Linha de Fronteira entre as cidades de Quaraí/BR e Artigas/UY.

Fonte: Acervo LabUrb/UFPeL, 2016.



Figura 7 - Linha de Fronteira entre as cidades de Barra do Quaraí/BR e Bella Union/UY.

Fonte: Acervo LabUrb/UFPeL, 2016.



Figura 8 - Linha de Fronteira entre as cidades de Aceguá/BR e Acegua/UY.

Fonte: Acervo LabUrb/UFPel, 2016.

Durante o percurso cada viajante-nômade-pesquisador possuía sua (i)metodologia de pesquisa. Foram realizadas coletas dos diferentes tipos de pedra, estudo dos cardápios dos restaurantes locais, gravações das diferentes linguagens (português, espanhol e portunhol), medição do gabarito das vias, conversas e entrevistas com os moradores, fotografia das edificações, das pessoas, dos parques, enfim uma infinidade de aproximações para os estudos da fronteira. Contudo, todos registravam suas vivências nos cadernos de viagem, cada um do seu modo, com desenhos, resumos, poemas, palavras. Às vezes os pesquisadores caminhavam em grupo, outras vezes sozinhos. Não existiam regras ou obrigações – a não ser os horários e locais combinados para saída do ônibus com destino à próxima cidade – toda forma de experiência era válida. Neste processo, alguns se perderam, ficaram para trás, mas em seguida retornam e seguiram juntos na viagem.

No final de cada dia, os pesquisadores se reuniram em grupo para relatar sobre as experiências vividas naquele território. Eram conversas interessantes com opiniões diversificadas, concordâncias e discordâncias. Um momento também para troca de fotografias e atualização do website. Estes encontros e ações, também ocorreram despreziosamente nos momentos de espera do ônibus, nos percursos dentro do ônibus, nas horas do mate, nos cafés da manhã, almoço e jantares, no hall dos hotéis.

A experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p.21). A partir desse entendimento, poderia se dizer que a experiência no território da fronteira acontece durante toda a viagem, não apenas no ato das pesquisas, mas também nos diferentes caminhos percorridos para tal realização. Essa experiência é corporal, deixou marcas tanto no corpo dos viajante-nômade-pesquisador, quanto nos territórios experienciados.

Derrida em “Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível” afirma que a experiência é como uma viagem, em que desbravar o desconhecido não está ligado nem a objetividade nem a subjetividade, mas sim com a (in)visibilidade característica do desenho.

É justamente não a relação presente com o que está presente, mas a viagem ou a travessia, o que quer dizer experimentar rumo a, por meio da ou desde a vinda do outro na sua heterogeneidade mais imprevisível; trata-se da viagem não programável, da viagem cuja cartografia não é desenhável, de uma viagem sem

design, de uma viagem sem desígnio, sem meta e sem horizonte. A experiência a meu ver seria exatamente isso. Se a experiência fosse apenas a relação com, ou o encontro do que é previsível e antecipável sobre o fundo de um horizonte presente, não haveria experiência nesse segundo sentido; haveria experiência no primeiro sentido, mas esta última não é uma experiência do acontecimento (DERRIDA, 1979, p.80).

Com esta viagem pela linha fronteira Brasil-Uruguay, tornou-se possível experimentar ser um viajante-nômade-pesquisador aberto ao outro, seja um outro humano, animal, espaço, tempo, objeto, ou até mesmo, um fantasma. Diferente das viagens turísticas, das falsas rupturas, as viagens para os nômades é o tempo da plenitude de sua territorialidade, seu acampamento é sempre provisório, um lugar prestes a ser abandonado. Assim, quanto mais potente for o nomadismo, menor o tempo de permanência. Era chegada a hora de retornar, mas também de seguir viagem, em busca de outras experiências, territórios, fronteiras. Era preciso reverberar o espírito nômade criado na individualidade de cada sujeito que compôs este grupo de pesquisadores tão heterogêneo e singular.

CONCLUSÕES: O RETORNO

No retorno os viajantes-nômades-pesquisadores sentiram o corpo cansado e o pensamento inquieto. Quase uma semana em movimento contínuo e em cada lugar novos encontros e novas expectativas. Agora a pausa do corpo e o ininterrupto movimento do pensar, tempo de colocar cada reflexão no seu lugar e tentar cartografar a complexidade da fronteira. O processo de desfazer a mala é também de vivenciar memórias. Os cadernos de viagem foram recolhidos, dando uma sensação de roubo das diferentes bagagens que cada um carregou pelo caminho. Revelando a transformação dos cadernos em diários de bordo, no início eram iguais para todos, mas no retorno tomaram vida, com falas, formas, traços, desenhos, palavras, fotografias e impressões digitais. Os relatos das experiências na viagem – a própria vivência – criou planos e atravessamentos para contrapor o discurso hegemônico de uma fronteira única, para construir uma fronteira carregada de heterogêneos, complexidades e multiplicidades.

A experiência do conceito de fronteira no próprio território da fronteira, segundo o método da cartografia, com o procedimento da pedagogia da viagem, dos cadernos de viagem e das distintas (i) metodologias de cada pesquisador reverberam em outros territórios, e fomentam distintas pesquisas. A etapa do retorno, marcou não uma conclusão, mas pistas para outros inícios. Como exemplo dessa reverberação, os escritores deste ensaio, que experienciaram ser viajantes-nômades-pesquisadores, carregam para suas dissertações de mestrado a experiência da viagem. Para Detoni (2016) que estuda as cidades pequenas, o agenciamento do conceito e da experiência da fronteira, dissolve a dicotomia entre o campo e a cidade, e

potencializa o estudo destas cidades como territórios de um devir menor; Pinho (2017) estuda as feiras que apreendem a fronteira entre os espaços planejados e de intervenção nas cidades; por sua vez, Resende (2016) teve a viagem como a gênese de seu projeto de pesquisa, e hoje, inicia o estudo sobre os espaços públicos da Fronteira Brasil-Uruguay na profundidade desse território. E, por fim, Rocha (2017) dedicou a dar visibilidade ao para-formal na fronteira, revelando como esse para-formal é carregado de costumes e identidade/diferença cultural local. Observou também o predomínio comercial, visto que a região da fronteira é um lugar de troca, de fluxos de pessoas, mercadorias, culturas e o comércio - lícito ou ilícito - tornou-se durante muitos anos um fator relevante no desenvolvimento da região, reverberando assim outros questionamentos e reflexões sobre do comércio da fronteira. Além disso, Rocha orienta e acompanha todos os outros trabalhos citados, possibilitando a construção de um plano comum (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014), fundamental às práticas da cartografia. Há também outros viajantes-nômade-pesquisadores que seguem seus estudos atravessados por esse movimento. Sendo possível acompanhá-los pelas comunicações de suas pesquisas por meio de artigos, ensaios e demais publicações. Além dos registros, que possibilitam por meio dos cadernos de viagem adentrar e percorrer pelo pensamento de cada pesquisador, todas essas informações estão disponíveis no website do projeto.

Assim, a contribuição deste ensaio propõe pensar sobre novos meios de acompanhar processos de pesquisa na contemporaneidade, extrapolando os métodos tradicionais, na medida em que inova sua forma de apreensão. A lógica de pensamento não procura separar sujeito e objeto, viajante e pesquisador, arquitetura e usuário, espaço público e privado, Brasil e Uruguay, mas sim entender essas pesquisas como entidades que carregam potência de agir, ou como Benedictus Spinoza (2009) coloca: “força de existir”. E essa potência envolve *afecções* e afetos, os quais vão se desencadeando, se articulando e se desdobrando quando ocorre o encontro entre corpos.

Durante o processo cartográfico ficou nítida a complexidade da fronteira e a impossibilidade de reduzi-la em um mapa único, fixo e estático, a fronteira pulsa de tal forma que parece gritar, se fazendo presente, seja pelas cenas dos sujeitos, pelas memórias, pelo vivido e experimentado. Dessa forma, acredita-se que a pedagogia da viagem constrói um novo discurso – inscrito no próprio corpo do viajante-nômade-pesquisador – preocupado em expor as questões mais sensíveis e próprias da contemporaneidade, constituindo mais uma fonte de consulta para arquitetos, urbanistas e profissionais atuantes na criação, planejamento e intervenção dessas cidades fronteiriças.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. (2009) **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, .

- GOMES, Silvia Toledo. Eu, Tu, Ele... Nós outros: fronteiras, diálogos e novas identidades. In.: **Revista eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**. Seção Três Lagoas, v.12, p.2, 2010.
- DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Trad. José Marcos Macedo. Palestra conferida em 1987. In: Edição Brasileira: Folha de São Paulo, impressa em 27 de junho de 1999 [1987].
- Deleuze, Gilles. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 4**. Trad. Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997
- DETONI, Luana Pavan. **Cartografia das cidades pequenas na contemporaneidade: urbanidade de um devir menor**. In: SEMINÁRIO ANUAL DO PROGRAU, 7., 2016, Pelotas. Resumo. Pelotas: Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, 2016. p.30. Disponível em: <<http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/arquivos/cTCnws.pdf>> Acesso em: 17 novembro 2017.
- DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional**. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.
- GRINOVER, Lúcio. **Comunicação e sociedade: A comunicação e a hospitalidade em territórios urbanos**. In: XXVI Congresso da INTERCOM, 2003, Belo Horizonte, MG, p.1
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica – Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. N. 19, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Acesso em: 17 novembro 2017
- OLIVEIRA, Jelson. **Filosofia da viagem**. Curitiba: Editora Champagnat, 2013.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum**. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- PINHO, Rafaela Barros de. **Feira das Pulgas cartografia da cidade na contemporaneidade**. 2017. 207f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2017. Disponível em: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/dissertacao_rafaela_pinho.pdf>. Acesso em: 10 dezembro 2017.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RESENDE, Lorena Maia; PINHO, Rafaela Barros de; DETONI, Luana Pavan; CLASEN, Carolina Mesquita e ROCHA, Eduardo. **Inventário da linha fronteiriça Brasil-Uruguay: deslocamentos entre cidades-gêmeas**. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 25., 2016, Pelotas. Resumo. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2016. Disponível em: <[http:// docs.wixstatic.com/ugd/8f3f7a_982b1a52bdd1438abb0385abcb70d527.pdf](http://docs.wixstatic.com/ugd/8f3f7a_982b1a52bdd1438abb0385abcb70d527.pdf)> Acesso em: 17 novembro 2017.

ROCHA, Eduardo; AZEVEDO, Laura Novo de; ALLEMAND, Débora Souto; HYPOLITO, Bárbara de Bárbara; TOMIELLO, Fernanda. **Cross-Cult: Desenho Urbano/Urban Design – Pelotas/RS e Oxford/UK**. Pelotas: UFPel, 2016.

ROCHA, Eduardo; RESENDE, Lorena Maia; PINHO, Rafaela Barros de. **O comércio para-formal na Fronteira Brasil-Uruguay: Ocupações controversas do espaço público**. In: II SIALAT, 2017, Belém. Anais do II SIALAT. Belém: UFPA, 2017. v. 1. p. 3201-3215.

SPINOZA, Benedictus de. 2009. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Recebido em: 10/11/2017

Aceito em: 16/12/2017

